

Do que entre os lusos? das vulgares linguas,
 Dize te mostrem outra, que já tenha
 Tanta copia³ de termos, de maneiras,
 De lindas phrases, de elegancias bellas,
 De adagios e anexins de altivo preço,
 De mil apodaduras⁴ tão donosas⁵,
 De todo o bom fallar prendas nativas,
 Prova de lingua cultivada e rica.
 Quão poucos de seus filhos a conhecem!
 Matrona nobre e grave, e mui senhora,
 Cheia de acatamento e magestade,
 Ao mesmo tempo de formosas galas,
 De encantadoras solidas bellezas,
 Que brilham no seu rosto, nos seus ares,
 Nas expressões e fallas, nos costumes,
 Na solta prosa, ou já no rico metro⁶,
 Não pôde ir par⁷ com ella a tão valida
 Franceza lingua, que ora voga tanto,
 Que em lhe tirando termos todos d'artes,
 Que a sabia Grecia e Roma lhe emprestaram,
 Em tudo o mais, se tu a bem comparas⁸
 C'o a nossa natural, é frouxa e estreita:
 Não tem força de termos magestosos,
 Não tem vozes esdruxulas⁹ dactylicas¹⁰;
 Não tem ricos vocabulos compostos,
 Que epica trompa bellicosa entõe,
 Que pyndarica lyra em sons valentes
 Aos celestes alcaçares remonte.
 Faltam-lhe garbos, nobres gentilezas
 Do metrico fallar harmonioso:
 Nem azas tem, com que voando possa
 Alçar-se aos astros com soberbo esp'rito
 E transpôr sublimada o alto Olympo¹¹:
 Não é lingua dos Deuses; é só prosa,
 Sem ter mais brio, que a cançada rima.

Antonio Ribeiro dos Santos (*Elpino Duriense*, 1749-1818.)

¹ impropriamente empregado por *onde*. ² contracção de grande. Fóra dos compostos, sómente é usado na poesia. A forma

fem. de grão é gran. ³ abundancia. ⁴ apódos, gracejos, ditos agudos e engraçados. ⁵ elegantes, graciosas. ⁶ aqui empregase metro por verso. ⁷ em vez de *a par*, loc. adv. ⁸ por comparares. ⁹ vozes ou palavras esdruxulas são as que têm o acento predominante na antepenultima syllaba. ¹⁰ constituídas por dactylos. Na metrificacão grega e latina, dava-se este nome ao pé de verso formado de uma syllaba longa seguida de duas breves. ¹¹ celebre monte entre a Thessalia e a Macedonia. Jupiter com toda e sua côrte assistia ordinariamente no mais alto d'este monte.

237 — O estudo (pag. 196 na 4.^a ed.)

Qualquer que seja a vocacão, encaminha-se por estes dois fins: bem conhecer e bem usar dos conhecimentos. Como os homens não se ensinam a si mesmos senão depois de se encherem de luz, e enriquecerem suas memorias de sentenças e pensamentos, quaes lhes ministram os bons livros e os mestres vivos, d'esta escola deve começar a instrucção. Uns e outros instructores, vivos e mortos, devem ser objecto de grande cuidado, porque tanto a frieza e impertinencia, tanto o vicio moral e litterario, como outros muitos defeitos, que se encontram nos livros e mestres ineptos, são grandemente prejudiciaes aos que por elles aprendem. Um livro corrompe, deve abominar-se como peste dos animos, que se vae derramando em todo o corpo de uma nação: na leitura d'outro livro perde-se o tempo, porque é livro de desaprender: a respeito d'outros, nem pela phrase ou pela materia, ha nelles que aproveitar; d'onde os livros uteis, e provados em bom e competente juizo, são os que merecem a attenção dos sabios e dos sujeitos, que aspiram a esta verdadeira felicidade...

O conhecimento das linguas, em que se acha variedade sem medida de noticias, documentos, estylos e todos os esforços do espirito humano, tem logar de gran-

de consideração entre os amadores e professores de letras. Se bem reputarmos quanto vale a aquisição de uma nova e feliz ideia, de uma noticia curiosa, de uma erudição que nos illustra, de um conhecimento grato e importante, sobre pontos de que só depois de instruidos alcançamos seu valor e nos contentamos; se quando nos accendemos para saber o que nos traz suspensos; se quando suspiramos por um pensamento, que nos faz delir duvidas cançadas; se no tempo de nos affligir um embaraço de interesse litterario, de nos tocar com vehemencia a santa inveja de possuirmos o espirito do sabio, que escutamos com admiração e respeito; se nestas circumstancias nos apontassem o logar de acharmos nossas satisfações, por certo que alli fomos apagar sêde ardentissima e devoradora...

A emulação da sabedoria é mais capaz do nosso espirito do que são as coisas sensiveis. A sciencia seria buscada fóra da patria, se a tanto nos obrigasse o carinho que ella merece; porém, a sabedoria mesma faz a peregrinação esperando acolhimento; ella vem diligente nos livros, que aportam de grandes distancias nas patrias de todos os sabios e dos que o desejam ser. Quem se resolve a fazer côrte dignamente á sabedoria, tambem vae solicitar suas luzes onde as encontra; sae da patria e vae fazer permutação no mesmo genero, pelos mesmos passos e arbitrios. Ou digamos que os litteratos são todos cidadãos da mesma patria, habitam o mesmo paiz commum... Carecem acaso os litteratos de conhecimento ocular¹ para se entenderem? Não é mais prodigiosa e mais admirada que conhecida, virtude de uma essencia espiritual, aquella que a todo o instante ajunta em um logar moradores de apartadissimas terras e tempos? Ahi se entendem; ahi se aprendem com reciprocas propensões, declaradas em vozes de copiosissima² doutrina.

D. Fr. Manuel do Cenaculo (1721-1814).

¹ que se adquire visualmente, ou por meio dos olhos. ² abundantissima.

238 — Sobre o episodio dos doze de Inglaterra ¹
(Pag. 213 na 4.^a ed.)

No tempo de el-rei D. João I de Portugal, de boa memoria, estavam mui vivas e em observancia as cavallarias suas, d'onde veiu o mandar desde Inglaterra o duque de Lencastre chamar a este reino doze cavalleiros nomeados para defenderem em duello publico, com outros doze inglezes, a honra de doze damas infamadas por elles. O dito rei desejou acompanhá-los, como diz o nosso Homero portuguez ², o qual, descrevendo este combate (de que os nossos saíram vencedores), canta assim com espirito altiloquente.

Padre Manuel Bernardes (1644-1710).

¹ veja o trecho seguinte. ² Luiz de Camões.

239 — Os doze de Inglaterra (pag. 213 na 4.^a ed).

(EPISODIO DOS LUZIADAS)

No tempo que do reino a redea leve
João ¹, filho de Pedro, moderava,
Depois que socegado e livre o teve
Do vizinho poder que o molestava,
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal ² sempre abunda, semeava
A fera Erinnys ³ dura e má cizania,
Que lustre fosse á nossa Luzitania.

Entre as damas gentis da côrte ingleza,
E nobres cortezãos, acaso um dia
Se levantou discordia em ira accesa :
Ou foi opinião, ou foi porfia.
Os cortezãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão que honras e famas
Em taes damas não ha, para ser damas.

E que, se houver alguém com lança e espada
 Que queira sustentar a parte sua
 Que elles em campo raso, ou estacada,
 Lhe darão feia infamia, ou morte crua.
 A feminil fraqueza pouco usada,
 Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua
 De forças naturaes convenientes,
 Soccorro pede a amigos, e parentes.

Mas, como fossem grandes e possantes
 No reino os inimigos, não se atrevem
 Nem parentes, nem férvidos amantes,
 A sustentar as damas, como devem.
 Com lagrimas formosas, e bastantes
 A fazer que em soccorro os deuses levem
 De todo o Céu, por rostos de alabastro,
 Se vão todas ao duque de Alencastro ⁴.

Era este inglez potente e militára
 Co'os portuguezes já contra Castella,
 Onde as forças magnanimas provára
 Dos companheiros e benigna estrella;
 Não menos nesta terra exp'rimentára
 Namorados effeitos, quando nella
 A filha viu, que tanto o peito doma
 Do forte rei, que por mulher a toma ⁵.

Este, que soccorrer-lhe ⁶ não queria,
 Por não causar discordias intestinas,
 Lhe diz: «Quando o direito pretendia
 Do reino lá das terras iberinas ⁷,
 Nos Luzitanos vi tanta ousadia,
 Tanto primor, e partes tão divinas,
 Que elles sós poderiam, senão erro,
 Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

E se, aggravadas damas, sois servidas,
 Por vós lhe ⁶ mandarei embaixadores.
 Que, por cartas discretas e polidas,
 De vosso aggravo os façam sabedores;
 Tambem por vossa parte encarecidas
 Com palavras d'afagos e d'amores
 Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creio
 Que alli tereis socorro, e forte esteio.»

Dest'arte as aconselha o duque experto ⁸
 E logo lhe nomeia doze fortes ⁹ ;
 E, porque cada dama um tenha certo,
 Lhe manda que sobre elles lancem sortes ;
 Que ellas só doze são : e, descoberto
 Qual a qual tem caído das consortes,
 Cada uma escreve ao seu por varios modos,
 E todas a seu rei, e o duque a todos.

Já chega a Portugal o mensageiro :
 Toda a côrte alvoroça a novidade.
 Quizera o rei sublime ser primeiro,
 Mas não lh'o soffre a regia majestade.
 Qualquer dos cortezãos aventureiro
 Deseja ser, com férvida vontade ;
 E só fica por bemaventurado
 Quem já vem pelo duque nomeado.

Lá na leal cidade ¹⁰, d'onde teve
 Origem (como é fama) o nome eterno
 De Portugal ¹¹, armar madeiro leve
 Manda o que tem o leme do governo.
 Apercebem-se os doze em tempo breve
 D'armas, e roupas d'uso mais moderno,
 De elmos, cimeiras, letras e primores,
 Cavallos, e concertos de mil côres.

Já do seu rei tomado têm licença
 Para partir do Douro celebrado
 Aquelles que escolhidos por sentença
 Foram do duque inglez exp'rimentado.
 Não ha na companhia differença
 De cavalleiro destro ou esforçado;
 Mas um só, que Magriço ¹² se dizia,
 Dest'arte falla á forte companhia :

«Fortissimos consocios ¹³, eu desejo
 Ha muito já de andar terras extranhas,
 Por ver mais aguas que as do Douro e Tejo,
 Varias gentes, e leis, e varias manhas ¹⁴.
 Agora que apparelho ¹⁵ certo vejo,
 (Pois que do mundo as coisas são tamanhas),
 Quero, se me deixaes, ir só por terra,
 Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

E, quando caso fôr que eu, impedido
 Por quem das coisas é ultima linha,
 Não fôr comvosco ao prazo instituido,
 Pouca falta vos faz a falta minha.
 Todos por mim fareis o que é devido.
 Mas, se a verdade o esp'rito me adivinha,
 Rios, montes fortuna, ou sua inveja
 Não farão que eu comvosco lá não seja».

Assim diz : e, abraçados os amigos ¹⁶
 E tomada a licença, emfim se parte;
 Passa Leão, Castella, vendo antigos
 Logares que ganhára o patrio Marte ¹⁷;
 Navarra, co'os altissimos perigos
 Do Pyreneo, que Hespanha e Gallia ¹⁸ parte.
 Vistas em fim de França as coisas grandes,
 No grande emporio ¹⁹ foi parar de Frandes ²⁰.

Alli chegado, ou fosse caso²¹, ou manha²²,
Sem passar se deteve muitos dias ;
Mas dos onze a illustrissima companhia
Cortam do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra á costa extranha,
Para Londres já fazem todos vias ;
Do duque são com festas gasalhados,
E das damas servidos e animados²³.

Chega-se o praso, e dia assignalado
De entrar em campo já co'os doze inglezes,
Que pelo rei já tinham segurado ,
Armam-se d'elmos, grevas, e de arnezes ;
Já as damas têm por si fulgente e armado
O Mavorte¹⁷ feroz dos portuguezes ;
Vestem-se ellas de côres, e de sedas,
De oiro, e de joias mil, ricas e ledas²⁴.

Mas aquella, a quem fôra em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavalleiro nesta empreza ;
Bem que os onze apregoam que acabado
Será o negocio assim na côrte ingleza,
Que as damas vencedoras se conheçam,
Posto que dois ou tres dos seus falleçam.

Já num sublime e publico theatro
Se assenta o rei inglez com toda a côrte.
Estavam tres e tres, e quatro e quatro,
Bem como em cada qual coubera em sorte.
Não são vistos do sol, do Tejo ao Bactro²⁵,
De força, esforço, e d'animo mais forte,
Outros doze sair, como os inglezes
No campo contra os onze portuguezes.

Mastigam os cavallos, escumando,
 Os aureos freios com feroz semblante ;
 Estava o sol nas armas rutilando
 Como em crystal, ou rigido diamante.
 Mas enxerga-se num e noutro bando
 Partido desigual e dissonante
 Dos onze contra os doze, quando a gente
 Começa a alvoroçar-se geralmente.

Viram todos o rosto aonde havia
 A causa principal do reboliço ;
 Eis entra um cavalleiro, que trazia
 Armas, cavallo ao bellico serviço !
 Ao rei, e ás damas falla ; e logo se ia
 Para os onze, que este era o grão Magriço ;
 Abraça os companheiros como amigos,
 A quem não falta, certo nos perigos

A dama, como ouviu que este era aquelle
 Que vinha a defender seu nome e fama,
 Se alegre e veste alli o animal de Helle²⁶,
 Que a gente bruta mais que virtude ama ;
 Já dão signal, e o som da tuba impelle
 Os bellicosos animos que inflamma ;
 Picam d'esporas²⁷, largam redeas logo,
 Abaixam lanças, fere a terra fogo.

Dos cavallos o estrépito parece
 Que faz que o chão debaixo todo treme :
 O coração, no peito, que estremece,
 De quem os olha, se alvoroça, e teme.
 Qual²⁸ do cavallo voa, que não desce,
 Qual, co'o cavallo em terra dando, geme,
 Qual vermelhas as armas faz de brancas,
 Qual co'os penachos do elmo açouta as ancas.

Algum d'alli tomou perpetuo somno,
 E fez da vida ao fim breve intervallo;
 Correndo algum cavallo vae sem dono,
 E noutra parte o dono sem cavallo.
 Cae a soberba ingleza do seu throno,
 Que dois, ou tres já fóra vão do vallo²⁹;
 Os que de espada vem fazer batalha,
 Mais acham já que arnez, escudo e malba.

Gastar palavras em contar extremos
 De golpes feros, cruas estocadas,
 É d'esses gastadores, que sabemos,
 Maus do tempo com fabulas sonhadas.
 Basta, por fim do caso, que entendemos
 Que com finezas altas e affamadas
 C'os nossos fica a palma da victoria,
 E as damas vencedoras e com gloria.

Recolhe o duque os doze vencedores.
 Nos seus paços com festas e alegria;
 Cozinheiros occupa e caçadores
 Das damas a formosa companhia;
 Que querem dar aos seus libertadores
 Banquetes mil cada hora, e cada dia,
 Emquanto se detêm em Inglaterra,
 Até tornar á doce e cara terra.

Luiz de Camões (1524-1530).

¹ D. João I. ² septentrional, do Norte. ³ nome grego das Furias; significava *perturbador do espirito*. O mesmo que Humenides. ⁴ sogro de el-rei D. João I e irmão do rei Duarte de Inglaterra. ⁵ D. João I casou com D. Philippa d'Alencastre, filha segunda do duque de Lancaster ou Alencastro. ⁶ § 187, penultimo periodo. ⁷ a Hespanha. ⁸ experiente. ⁹ homens, varões fortes. ¹⁰ o Porto ¹¹ de *Portus Cale*, o porto de Cale (*Cale* era o nome do burgo, que foi origem da cidade do Porto) saiu o nome de Portugal. ¹² aleunha de Alvaro Gonçalves Cou-

tinho, irmão do primeiro conde de Marialva e filho do marechal Gonçalo Vasques Coutinho. ¹³ § 111,3). ¹⁴ costumes. ¹⁵ meio, preparativo. ¹⁶ § 241,2). ¹⁷ deus da guerra; por ext. o esforço guerreiro. ¹⁸ França. ¹⁹ não confunda com imperio. ²⁰ Flandres, nome dado á região do N. O. da Europa, banhada pelo mar do Norte, entre o rio Escalda e o Passo de Calais. Erigida em condado no seculo IX, era no seculo XIII o paiz mais povoado e mais rico da Europa, graças á actividade de suas fabricas de pannos e tecidos de lã, e ao seu larguissimo commercio. A sua metropole era Bruges (Brugge em flamengo), actualmente cidade belga de 120:000 habitantes. Duas das provincias da Belgica conservam ainda o nome de Flandres (oriental e occidental). ²¹ acaso (ant.). ²² astucia, finura. ²³ noutras edições lê-se *animados*. ²⁴ alegres. ²⁵ rio na região da Asia chamada outr'ora Bactriana, e hoje Turkestão. Nasce no monte Tauro e desagua no Oxus ou Dgyhoun. ²⁶ filha de Athamante e Nephele. Fugiu aos maus tratos de sua madrastra Ino em um carneiro cujo vello era de oiro. ²⁷ § 142. ²⁸ § 68, *Obs.* ²⁹ a liça dos justadores.

240 — A alma (pag. 85 na 4.^a ed.)

Quereis vêr o que é uma alma? Olhae (diz Santo Agostinho) para um corpo sem alma. Se aquelle corpo era de um sabio, onde estão as sciencias? Foram-se com a alma porque eram suas. A rhetorica, a poesia, a philosophia, as mathematicas, a theologia, a jurisprudencia, aquelles discursos tão deduzidos, aquellas sentenças tão vivas, aquelles pensamentos tão sublimes, aquelles escriptos humanos e divinos que admiramos e excedem a admiração, tudo isto era alma.

Se o corpo é de um artifice, quem fazia viver as taboas e os marmores? Quem amollecia o ferro, quem derretia os bronzes, quem dava nova fórma e novo ser á mesma natureza? Quem ensinou naquelle corpo regras ao fogo, fecundidade á terra, caminhos ao mar, obediencia aos ventos, e a unir as distancias do universo, e metter todo o mundo venal em uma praça? A alma.

Se o corpo morto é de um soldado, a ordem dos exercitos, a disposição dos arraiaes, a fabrica dos muros, os engenhos e as machinas bellicas, o valor a bizarria, a audacia, a constancia, a honra, a victoria, o levar na lamina de uma espada a vida propria e a morte alheia; quem fazia tudo isto? A alma.

Se o corpo é de um principe, a magestade, o dominio, a soberania, a moderação no prospero, a serenidade no adverso, a vigilancia, a justiça, todas as outras virtudes politicas, com que o mundo se governa, e de quem eram governadas, de quem eram? Da alma.

Se o corpo é de um sancto, a humildade, a paciencia, a temperança, a caridade, o zelo, a contemplação altissima das coisas divinas, os extases, os raptos, subido o mesmo peso do corpo e suspendido no ar, que maravilha! Mas isto é a alma. Finalmente os mesmos vicios nossos nos dizem o que ella é: uma cubiça que nunca se farta, uma soberba que sempre sobe, uma ambição que sempre aspira, um desejo que nunca aquieta, uma capacidade que todo o mundo a não enche, como a de Alexandre, uma altiveza, como a de Adão, que não se contenta menos que com ser Deus.

Tudo isto que vemos com os nossos olhos é aquelle espirito sublime, ardente, grande, immenso, a alma. Até a mesma formosura, que parece dote proprio do corpo e tanto arrebatada e captiva os sentidos humanos: aquella graça, aquella proporção, aquella suavidade de côr, aquelle ar, aquelle brio, aquella vida, que é tudo senão alma? E senão, vêde o corpo sem ella. Aquillo que amaveis e admiraveis não era o corpo, era a alma: apartou-se o que se não via, ficou o que se não pôde ver. A alma levou tudo o que havia de belleza, como de sciencia, de arte, de valor, de majestade, de virtude; porque tudo, ainda que a alma se não via, era a alma.

Padre Antonio Vieira (1608-1797).

241 — Em louvor do Infante D. Henrique

ODE HEROICA

(pag. 168 na 4.^a ed.)

*perfeitamente
heroicas*

Fervia ao longe com fragor medonho
O mar caliginoso: horrenda fama
Desde a origem do mundo apregoava
Do inaccessível pego
As férvidas voragens.

Desastrados successos agoirando,
Pávido nauta trespassar não ousa
O Bojador¹ sanhudo, que guardava
Entre feros horrores
Os não surcados mares.

Tu, filho caro da Natura, ó Genio!
Que tardaste em formar por tantos evos
O lusitano Henrique², alfim um dia
A empresa lhe inspiraste,
Que enche de gloria a Lysia³.

Eis elle na mão toma ardente facho,
Que desde o Sacro-Promontorio⁴ fulge;
Tiro de luz despede, que allumia.
Do tenebroso Oceano
Os pélagos immensos.

«Ide romper os mares, disse aos Lusos,
Com chaves immortaes té-qui fechados;
Ide alargar por nova maravilha
Á patria Lysia, á Europa
Os terminos do mundo.»

Gente animosa invicta as vozes ouve;
A angra deixa da marinha Sagres;
E promptos barineis ás ondas descem,
Deuses do mar potentes,
Os novos Argonautas⁵.

Já lá longe das praias, onde Alcides⁶
Pôz balizas ao orbe⁷, as prôas surcam

*o mundo bem
feito*

Vastos desertos de profundas aguas:

E as barreiras quebrantam

Dos resguardados mares.

Que espectáculo grande a Natureza

Aos Lusos apresenta! Quaes portentos

Não sabidos dos seculos amostra!

Quanto mundo encoberto

Aos olhos seus descerra!

Novos Tritões⁸ na azul campina lhe abrem

Facil entrada: novas aves voam,

E já proximas terras lh'annunciam;

Novos benignos astros

De extranhos Céos lhes brilham.

Eis d'entre as ondas já lá vêm surgindo

Novos montes e cabos, novas praias,

Terras de vario clima, de diversos.

Productos da Natura,

De ignota gente e nome.

Como do meio das cerradas nuvens

A atlantica Madeira são formosa

De verdejante folha a trança ornada.

E vem com brando gesto

Saudar os lusos nautas!

Correm pelo ceruleo campo a vê-los

As mais filhas de Tethys⁹ cubiçosas:

As Garças¹⁰, Arguim¹¹, e as que guardavam,

Hesperides¹² formosas,

Os ricos pomos d'ouro.

A torrida Ethiopia¹³, ao Sol vizinha,

Desdobra o escuro véo, que a fronte cobre,

E amostra a face majestosa: vê-se

Vir receber os Lusos¹⁴

O Arsinario¹⁵ cabo:

Vê-se mais ledo ao mar co'a gran corrente

Já vir o Sanagá¹⁶, e o curvo Gambia:

Vê-se o filho do grande Nilo, o Zaire¹⁷;

Contente devolvendo

Ao alto golpho as aguas.

Da intrepida façanha desusada
 Os maritimos Deuses se espantaram,
 Mas não Protheo ¹⁸, que pródigo sabia
 Do immobil fado eterno
 Os divinos arcanos.

Mal viu de longe as cortadoras prôas,
 Co'a fatidica voz, que tudo assombra,
 «Ó lusos nautas, clama, ó vós ditosos,
 Que os fados cá vos chamam
 Do mar ao novo imperio,
 Por estas ondas, ora povoadas,
 Té-qui em solidão desertas, cedo
 Nesses ousados lenhos do Oriente
 Virá toda a fortuna
 Do aureo Indo ¹⁹ ao Tejo.»

Soou mui longe a voz do vate: ouviu-a
 O Roxo-mar e estremeceu; e o Nilo,
 E a soberba Damasco, e a syria Alepo ²⁰,
 E o grande egypcio Cairo, ²¹
 E a rica Alexandria ²²,

Ouviu-a, e estremeceu a gran rainha
 Do Adriatico golphão ²³; do alvo collo
 Cae-lhe o collar de nitido diamante;
 Cae-lhe da altiva fronte
 A c'rôa d'oiro fino.

Antonio Ribeiro dos Santos (*Elpino Duriense*, 1745-1818).

¹ cabo da Costa occidental d'Africa, ao sul das ilhas Canarias. Perder estas de vista e dobrar o cabo Bojador era, para os navegantes da idade média, uma grande temeridade; a honra de ter transposto pela primeira vez esta barreira temida pertence ao portuguez Gil Eannes, em 1434. Bojador quer dizer *saliente*. ² o principe D. Henrique, promotor dos descobrimentos maritimos dos portuguezes. ³ Portugal. ⁴ o cabo de S. Vicente, no Algarve. ⁵ heroes gregos que foram a Colchida, no navio Argos, conquistar o vello d'oiro. ⁶ Hercules. ⁷ Gibraltar. ⁸ deuses do mar, com o corpo terminado em peixe. ⁹ uma das deusas do mar. ¹⁰ ilhas no golpho de Arguim descobertas em 1443 por Nuno Tristão. Davam-lhe aquelle nome porque se

encontravam muitas garças naquellas paragens. ¹¹ outra ilha no mesmo golpho. ¹² filhas de Hespero, rei da Africa. Tinham um pomar que dava fructos de oiro. Habitavam em umas ilhas a que se deu o seu nome. É opinião d'uns que são as ilhas Canárias e d'outros que são as ilhas de Cabo Verde. ¹³ região ao sul do Egypto. É cortada quasi ao meio pelo Nilo. ¹⁴ portuguezes. ¹⁵ é o chamado agora Cabo Verde. ¹⁶ hoje Senegal, rio da costa occidental d'Africa. ¹⁷ tres rios de Africa tambem. ¹⁸ veja a nota 6 ao trecho 221. ¹⁹ rio da costa occidental do Hindustão, ao norte de Goa. ²⁰ cidades da Asia menor. ²¹ capital do Egypto. ²² cidade do Egypto sobre o Mediterraneo. ²⁹ Veneza.

242 — Memoria academica ácerca das obras e vida de fr. Luiz de Sousa (pag. 100 na 4.^a ed.)

Deve o amor da verdade vencer, nas opportunas occasiões, a natural e por isso desculpavel repugnancia, que temos todos á confissão das faltas proprias, ou, o que é o mesmo, das faltas da patria. Eu a venço, pois, fazendo-me não pequena força, para declarar que a litteratura portugueza, nos dois seculos xvii e xviii, sendo muito abundante de escriptos, foi comtudo pobre de monumentos de engenho, que nos possam instruir e honrar. São de todos, e até dos estranhos, muito sabidas as causas; e de todos, principalmente dos mais entendidos, notados com lastima os seus efeitos.

Á proporção que a nossa litteratura declinou, subiu a de França e Italia, e por fim a de Inglaterra e Alemanha. Estas nações levaram as boas artes a muito alto ponto de perfeição; cultivaram com trabalho incançavel e grande fruto o campo da historia; adiantaram admiravelmente a sciencia physica e a moral. E nós, que, se não na cultura, ao menos no alto aproveitamento das artes e sciencias, tinhamos levado a todas, exceptuando Italia, grande dianteira de tempo, ficamos entretanto, ora vendo com indifferença muito pouca airosa, ora admirando com inveja os seus progressos:

quasi do mesmo modo que ensinando-lhes a arte da navegação e os caminhos do commercio, depois nos tornámos discipulos ou invejosos dos seus progressos maritimos e lidas mercantis.

O ultimo periodo de admiração e de inveja no tocante á litteratura, mais honrado já, e por isso mais digno do nome portuguez, principiou com o impulso que recebemos da grandeza e liberalidade de animo de El-Rei D. João v, e continuou com as acertadas medidas politicas, que empregou com muita actividade El-Rei seu filho. Como que despertámos de pesado somno pelos annos de mil setecentos e trinta e tantos. Mas, abrindo os olhos, démos logo com elles na grande luz que illustrava as nações estranhas, e que, em rasão do seu muito vivo esplendor e do estado de que saíamos, não deixou de nos enlear e quasi aturdir.

Não voltamos mais o rosto, se não pouco e com pequeno effeito, para os trabalhos de nossos maiores; e, tendo-os geralmente por ainda rudes e meios barbaros, em vez de continuarmos o que elles tinham começado com gloria, só nos démos á lição das producções alheias com insignificante proveito de luzes e de credito, e com grande injuria da veneravel antiguidade portugueza.

.....

Ainda na presença de abundantes documentos, o historiador é forçado a lançar mão de conjectura; porque raras vezes são elles tão sufficientes e tão claros, que não deixem occasião para adivinhar ou o que omittiram, ou o que declaram imperfeitamente. E, se o historiador precisa sempre de sisuda diligencia em examinar, não precisa menos em todo o caso de penetração discreta, ou para prender o fio historico que acha cortado, ou para desempear perplexidades, ou para compôr differenças, e talvez contradicções.

Pódem comtudo ficar certos os nossos leitores de que nem por isso seremos, por me servir das formaes palavras de fr. Luiz de Sousa, *atrevidos no contar*. Estamos bem capacitados de que a principal valia da his-

toria consiste na verdade, dos successos referidos ; e nem a paixão, nem a propensão propria nos podem aqui levar a relações destituídas de bom fundamento. Quando conjecturarmos, apontaremos as razões com que o fizemos, e os leitores poderão ajuizar da sua força, ou fraqueza ; e assim como nunca exporemos factos sem indicar o fundamento historico, assim nunca offereremos conjectura sem advertir, por um ou outro modo, que a não pretendemos vender por mais do seu justo valor. Com tão sincera declaração dos nossos meios e resoluções, parece-nos que temos merecido a confiança dos leitores; a qual poremos muito cuidado em conservar no decurso d'este trabalho, a que vamos já dar principio, por entendermos que não é necessario mais dilatado preludeo.

D. Francisco Alexandre Lobo (Bispo de Vizeu, 1763-1814).

243 — Prognosticos do tempo (pag. 123 na 4.^a ed.)

As calmas, o chover, e os ventos que arrepiam,
Tudo lá tem ¹ signaes que ao certo o presagiam.
Assim o quiz o padre ²: impoz de encargo ás luas
Os mezes predizer co'as variedades suas.
Sabe-se antecipado o fim dos austros ³ duros.
Sabe o experto zagal ⁴ se dos redis seguros
Não deve ir pascer longe. O vento se avizinha?
Lá estava a predizê-lo o inchado da marinha
A arrebentar em flôr, e essa arida zoadá
Que saía da serra, e a costa alvorotada,
E os bosques a rugir. Revoanda azafamados
Á terra os mergulhões ⁵ dos páramos ⁶ salgados,
Para a praia a clamar; quando a garça passeia
Nas nuvens, e retoíça a gaivota na areia,
Má venida ⁷ a que o mar promette aos navegantes!
Muitas vezes tambem podeis notar como, antes

Que se erga vento, o céu despenha estrellas, brilho
 Que deixa atraz, no escuro, igneo e branco rastilho.
 A palha, a folha sêca, então vê-las costumadas
 Pelos ares brincar, e á tona d'agua as plumas.
 Mas o céu boreal ⁸ se encarranca e lampeja!
 Do Zephyro ⁹ a mansão, de Euro ¹⁰ a mansão troveja!
 Eis cada fossa um lago, e mar a terra plaina!
 O marinheiro ao largo o humido panno amaina!
 Borrasca assoladora é sempre annunciada:
 Olha os groues como vão fugindo em debandada,
 Vendo-a surgir do valle! olha a bezerra attenta
 D'olho fito no céu a farejar tormenta!
 Adverte na andorinha a volitar zunindo
 Pela fresca ribeira! e as rãs que estão grasnando
 Nos limos do marnel ¹¹ as pristinas ¹² querelas!
 E as formigas levando ao longo das vielas
 Os cvinhos com medo á inundação do albergue!
 O arco de côres mil, d'agua formado ¹³, se ergue!
 De corvos o esquadrão desamparando o pasto
 Os ares atravessa estrepitoso, vasto!
 Não te basta? inda a chuva assim não adivinhas?
 Ver a satisfação das aves ribeirinhas,
 Que á beira do Caystro ¹⁴ e no ásio ¹⁵ ameno prado
 Esgravatam da terra o seu banquete usado!
 Ver como andam agora á porfia e contentes
 A se aspergir co'a lymphá ¹⁶ as azas reluzentes,
 A arremetter co'o pego, a mergulhar! tamanho
 O superfluo prazer com que as namora o banho.
 Sozinha, a ruim da gralha, a passear na areia,
 A chuva anda a chamar com voz roufenha e cheia.
 As moças ao serão, entre o fiar palreiro,
 Tambem têm da invernia indicio bem certo,
 Quando o candil ¹⁷ de barro entra a espirrar, e estira
 Os podridos morrões. Porém, se o tempo vira
 De pluvioso a escampado, outros signaes não menos
 Prognosticam céu alvo e dias reserenos:
 O brilho sideral ¹⁸ de véos se desempana.
 Tão d'ouro vem surgindo a lua, que a Diana ¹⁹

Tal esplendor jámais o irmão ²⁰ não reverbera.
 Fricos d'etherea lã não boiam já na esphera.
 Não se espanija ao sol na praia o maçarico ²¹
 De Thetis ²² predilecto. O bacoro ao fanico
 Já não desfaz co'a tromba as medas. Vem rasteiro
 Pousar á flôr da terra o leve nevoeiro ;
 E a coruja observando o occaso, alcandorada ²³
 No alto cume da torre, os tardos sons não brada.
 Adelgaçando a voz, os corvos dão grasnidos
 Tres vezes até quatro em seus covis subidos ;
 Parecem doudejar de insolita alegria
 Pelos frondosos vãos da arvore sombria.
 Deus não lhes deu, bem sei, prophetica sciencia
 (Nelles ha mero instincto, em nós intelligencia) ;
 Mas quando o humor do céu, tão facil á mudança,
 Em compleição varia e troca a temperança,
 E no alto humido Jove ², a quem o ar dá preito,
 Ou rarefaz o denso, ou densa o rarefeito,
 Mudam-se as compleições nos entes animados ;
 O que haviam sentido oppressos dos nublados,
 Troca-se co'o sereno em vivida alegria !
 Por isso é todo o campo aligera harmonia,
 Contentamento o gado, e, em vez de grasnos tórvos ²⁴
 Crocitam de alvoroço em tom festivo os corvos !
 Se olhas ao sol corrente, e ás luas successivas,
 Sabes logo o amanhã ; tomas cautela, e esquivas
 Logros que muita vez formosa noite occulta ;
 Se, quando a lua nova os raios dessepulta,
 Vem co'as pontas sem luz ameaçando os ares,
 Grão tormenta á lavoura ! e grão tormenta aos mares !
 Se virgineo rubor lhe tinge a face, o vento
 Nunca este indicio falha. Ao quarto nascimento,
 Se a vires (é de fé) rir sem obtusas pontas,
 Todo esse dia, e os mais que depois d'elle contas
 Até que expire o mez, hão-de correr-te puros
 De aguaceiros e vento. Os nautas resegueros
 Seus votos solverão na praia, alfim já certa,
 A Glauco ²⁵, a Panopéa ²⁶, ao imo ²⁷ Melicerta ²⁸.

Tambem o sol augura : e quando nasce, e quando
 Já se vae no Oceano esplendido atufando.
 Tudo que elle indica ao purpurear-se o dia,
 E ao constellar-se o polo ²⁹, é certa prophecia.
 Nascendo maculoso, e o disco seu té meio
 Numa nuvem sumido, aguadas te receio.
 Vem lá do mar o sul, ás arvores contrario,
 E ao semeado, e ás greis ³⁰. Se o seu resplendor vario
 D'entre nuvens se frecha á toa, ou se incolora,
 Do cróceo ³¹ camarim foge a Tyhãõ ³² a Aurora,
 Mal te proteje a parra, uva em flôr ! Tanta a raiva
 Com que nos tectos salta a estridula saraiva.
 Mas attenção maior nos pede o sol ainda,
 Ao partir-se de nós tendo a jornada finda.
 Nesse instante solemne em que nos serra o dia,
 A miudo altera a côr : ceruleo, denuncia
 Salseiros ³³ ; côr de fogo, asperos euros ¹⁰, tendo
 O lume ennodado, aguas e vento horrendo.
 Ninguem por noite assim me diga que ao mar saia,
 Nem sequer desatraque o meu baixel da praia.
 Mas se lucido se ergue, e lucido se acosta,
 Ri-te de temporaes ; nas arvores da encosta
 Só verás menear-se os pincaros cimeiros ³⁴
 Do limpido nordeste aos bafos preguiceiros.
 Em summa, pelo sol, quem lbe os signaes alcança,
 Já sabe se é mau tempo, ou tempo de bonança
 Que o Vespero ³⁵ nos traz, e as bandas d'onde venta
 Para nuvens de calma, ou nuvens de tormenta.

Antonio Feliciano de Castilho.
 (Tradueção das *Georgicas* de Vergilio).

¹ § 119. f. ² o pae dos deuses, Jupiter. ³ ventos do sul.
⁴ pastor. ⁵ aves aquaticas. ⁶ desertos : *paramos salgados*,
 — o mar ⁷ (Ant.) Vinda. ⁸ septentrional, situado ao norte.
⁹ vento do occidente. ¹⁰ vento do oriente. ¹¹ campo alagadiço,
 apaúlado. ¹² antigas. ¹³ o arco-ris. ¹⁴ pequeno rio na vizi-
 nhança de Epheso, cidade da Asia menor. ¹⁵ asiatico, (por
 sync). ¹⁶ agua. ¹⁷ (Ant.) Candieiro lampada. ¹⁸ das estrel-
 las. ¹⁹ deusa da caça, a lua. ²⁰ Apollo, o sol. ²¹ ave aqua-
 tica. ²² filha do Céu e da Terra e mulher do Oceano. ²⁷ em-

poleirada. ²⁴ sinistros, pavorosos. ²⁵ uma das divindades que se chamavam *Littoraes*, nome derivado do costume que os antigos tinham de cumprir seus votos, que haviam feito no mar, logo que chegavam ao porto. Do L. *Littus*. ²⁶ uma das Nereides, a qual era tambem uma das divindades *Littoraes*. ²⁷ muito fundo. ²⁸ chamado tambem Palemon, deus marinho. ²⁹ por extens. — o céo. ³⁰ rebanhos. ³¹ doirado. ³² filho de Laomedonte. A Aurora, filha de Titan e da Terra, o desposou. Preside a Aurora ao nascimento do dia. ³³ aguaceiros. ³⁴ que estão no cimo, no alto. ³⁵ o planeta Venus quando apparece á tarde.

244 — Eloquencia sagrada ¹ (pag. 149 na 4.^a ed.)

Vedes aquelle homem robusto e agigantado, que com aspecto ferozmente triste, tosquiados os cabellos, cavados os olhos, escorrendo sangue, atado dentro em um carcere a duas fortes cadeias, anda moendo em uma atafona? Pois aquelle é Sansão ².

Vedes aquelle mancebo macilento e pensativo, que, roto e quasi despido, com uma corneta pendente do hombro, arrimado sobre um cajado, está guardando um rebanho vil do gado mais asqueroso? Pois aquelle é o prodigo. Quem haverá que se não admire de uma tal volta de fortuna em dois sujeitos tão notaveis, um tão valente, outro tão altivo!

É possível que nisto paráram as façanhas e victorias de Sansão? É possível que nisto paráram as riquezas e bizarrias do prodigo? Nisto paráram, ou para melhor dizer—não paráram só nisto—; porque o prodigo, perecendo á fome no meio do montado, não tinha licença para se sustentar das bolotas, com que apascêntava o seu gado: e Sansão, tirado em publico para ludibrio do povo, foi tratado com taes escarneos e indecencias que, de corrido e affrontado ³, com suas proprias mãos se tirou a vida. Mas qual seria a causa d'estes successos, e de duas mudanças tão estranhas?

Agora não vos peço admiração, senão pasmo.

Ambas estas mudanças de fortuna não tiveram outra causa, que o bom despacho de duas petições, em que Sansão e o prodigo se empenharam.

Pediui Sansão a seus paes — que lhe dessem por mulher uma filistéa ⁴. Concederam-lhe os paes o que pedia; e esta filistéa foi a causa das guerras, que Sansão teve com os filisteos, e dos enganos e traições de Dalila ⁵, e da sua prisão, e do seu captiveiro, e da sua cegueira, e das suas affrontas, e do lastimoso e tragico do seu valor.

Da mesma maneira pediui o prodigo a seu pae lhe desse em vida a herança, que lhe havia de caber por sua morte. Concedeu-lhe o pae o que pedia; e esta herança, consumida em larguezas e vicios da mocidade, foi causa da sua pobreza, da sua vileza, da sua miseria, da sua fome, da sua servidão, da sua deshonra, que só tiveram de desconto o pezar e arrependimento...

Pediria Sansão a filistéa, se soubesse que ella havia de ser a causa da sua affronta, da sua morte, e de perder os olhos com que a vira?

Pediria o prodigo a herança antecipada, se soubera ⁶ que com ella havia de comprar a miseria, a servidão, a deshonra? Claro está que não. Pois se agora não haviam de pedir nada do que pediram, senão antes o contrario, porque o pediram então? Já sabeis a resposta. Pediram-no, porque não sabiam o que pediam; pediram-no, porque ninguem sabe o que pede...

Supposto este principio certo e infallivel — que ninguem sabe o que pede — tirem agora a consequencia, os que se têm por mal despachados.

Se vós soubesseis que vos estava bem o que pedistes, então tinheis razão de estar contentes, se vo-lo concederam, ou descontentes, se vo-lo negaram. Mas quando ignoraes egualmente, se vos estava bem ou mal o que pretendeis, porque vos desconsolaes? Se me desconsolo, porque cuido que me podia estar bem,

porque me não consolo, considerando que me podia estar mal, e mais quando nas coisas d'este mundo o mal é o mais certo?...

Consolae vos com a tragedia de Sansão, consolae-vos com o arrependimento do prodigo.

E, se estes exemplos vos movem menos por serem de longe, consolae-vos com os de mais perto, e com os que vistes e vedes com vossos olhos.

Quantos vistes, que cuidavam que estava o seu remedio onde acharam a sua perdição? Quantos vistes, que cuidavam que estava a sua honra d'onde tiraram o seu descredito? Quantos vistes, que cuidavam que estava o seu augmento onde experimentaram a sua ruina? Quantos finalmente vistes, que os esperava a morte onde elles esperavam os maiores interesses e felicidades da vida?

Alcançaram o que pediram; acceitaram muito contentes o parabem de despacho; mas o despacho não era *para bem*.

Disse o Sol a Faetonte ⁷, quando lhe pediu o governo do seu carro: — Olha, filho, que cuidas pedes mercê, e pedes castigo. — O auctor é fabuloso; mas a sentença verdadeira.

E senão perguntae-o aos nossos Faetontes; aos do oriente na Asia, aos do meio-dia na Africa, aos do occidente na America. O mesmo carro, que pediram, foi o seu precipicio, e o mesmo excesso dos raios o seu incendio...

Oh! se soubessemos o que pedimos! Oh! se soubessemos o que nos está bem ou mal, como nos havíamos de dar muitas vezes por bem despachados com aquelle mesmo que chamamos — mau despacho!

O que nos está bem ou mal só Deus o sabe; todo o mais o ignoramos. E esta sciencia de Deus, e esta ignorancia nossa são os dois polos, em que ha-de estribar toda a indifferença das nossas petições, e tambem a resignação dos despachos.

As petições havemo-las de fazer, como quem não

sabe o que pede; e os despachos havemo-los de aceitar, como de quem só sabe o que dá.

Cuidamos que os homens são os que nos despacham; e por isso murmuramos, e nos queixamos d'elles; e não advertimos que em todos os conselhos assiste invisivelmente Deus, como presidente supremo, e que elle é o que nos dá, ou nega, o que pedimos, como quem só sabe o que nos está bem ou mal...

Os homens só fazem mercê, quando dão; Deus não só faz mercê, quando dá, senão também quando nega.

Padre Antonio Vieira (1608-1697).

¹ Este trecho é do sermão de Vieira, da 3.^a quarta-feira da quaresma, prégado na capella real no anno de 1669. ² foi o homem de maior força, segundo a Biblia. ³ § 179, *b. Obs.* ⁴ os filisteos, eram uns povos da Palestina que andavam sempre em guerra com os hebreus, até que, por fim, David os sujeitou inteiramente. ⁵ tendo-lhe Sansão declarado em que consistia a sua força, Dalila, subornada pelos filisteos, lhe fez cortar os cabellos quando estava a dormir e o entregou aos seus inimigos. ⁶ § 208 *b.* ⁷ filho do Sol e de Clymene. Tendo obtido do pae o governo do seu coche, sómente por um dia, ora abrazava a terra, ora tudo nella parecia pelo frio, segundo o coche se avizinhava ou desviava demasiadamente do orbe terraqueo. Jupiter, a fim de remediar tal desordem, fulminou Faetonte.

245 — Amor da Patria (pag. 232 na 4.^a ed.)

Amor universal, doce attractivo,
 Empenho natural, divida honrada
 Sempre foi, será sempre este incentivo
 Da patria sempre cara, e sempre amada.
 Quem, longe da em que nasce, vaga esquivo,
 Não é porque seu clima o desagrada ¹,
 Senão porque não cabe um peito nobre
 De grande coração em patria pobre.

Tudo a seu natural sempre obedece,
Se attentamente bem se considera:
Do alto a pedra para o centro desce,
Do baixo o fogo sobe á sua esphera.
Todo o rio o mar patrio reconhece,
Todo o peixe descança onde se gera,
As feras buscam, buscam passarinhos
Os patrios bosques, ou os patrios ninhos.

Habita aonde teve o nascimento
A ave nocturna em lobrega deveza,
Torna a formiga ao patrio alojamento
Com mui o maior peso do que pesa;
Com pedrinhas a abelha, porque o vento
A não desvie, volve com presteza
A casa, aonde sua industria pasce²:
Tudo se volve á patria aonde nasce.

Não tem cafre tão bruto a Cafraria³,
Nem gentio tão barbaro o Poente⁴,
Nem selvagem tão fero a Scythia⁵ fria,
Nem indio tão covarde o molle Oriente,
Que do ninho paterno, em que vivia,
Saudades não sinta, estando ausente;
Que é alvo a patria, a que nunca erram
Os suspiros de quantos se desterram.

A defendê-la o corpo se provoca;
Por ser o ar primeiro, que respira,
Primeira coisa que em nascendo toca,
Primeira luz que abrindo os olhos vira.
Se a arvore gentil, que se derroca,
Perdendo o natural, geme e suspira
Pelo revez, que tudo senhoreia,
Como não gemerá em terra alheia!

Bem a justiça, na razão fundada,
 Pena pôz de desterro ao delinquente,
 Porque o da patria sempre desejada
 É grão castigo de quem vive ausente.
 Quem, a troco de vê-la restaurada,
 Por ella morre, vive eternamente ;
 Ou quem, por defendê-la do inimigo,
 A vida pôz em publico perigo,

Braz Garcia de Mascarenhas (1596-1656).

¹ Os verbos agradar e desagradar, ordinariamente empregados como intransitivos pedindo complemento indirecto, tambem se encontram uma ou outra vez, nos classicos portuguezes, usados como transitivos : com complemento directo : «Parece que o *agradaes* nisso». *Lucena*. «Peccados que tanto offendem a Deus e o *desagradam*». *Vieira*. Tambem se conjugam reflexamente. «El-Rei se *desagradava* das acções do Cardeal». *Monarchia Lusitana*. «Com o cheiro d'este sacrificio se *agrada* o Senhor de maneira, etc.» *Cathecismo Romano*. ² pastar, andar pastando e no sent. fig. nutrir-se, alimentar-se, recrear-se. ³ grande territorio da Africa meridional. Os cafres são negros. ⁴ occidente. ⁵ immensa região septentrional do antigo continente : extendia-se desde Germania a O. até aos limites do mundo conhecido dos antigos a L. A Scythia europea, ou pequena Scythia correspondia ao que se chama Russia européa ; e a Scythia da Asia, à Russia asiatica e à Tartaria independente. Eram habitadas pelos scythas.

246 — Antonio Diniz da Cruz e Silva
 (Pag. 158 na 4.^a ed.)

É este na verdade um dos nossos mais sublimes poetas lyricos, e do qual com justiça se tem erguido um grande brado, posto que não (segundo entendo) pelo motivo que geralmente se aponta, isto é por ser elle o nosso Pindaro ¹; ou, o que o mesmo vale, por ser elle um optimo imitador de Pindaro : cuido que bem pouco tem d'isso. Nas odes de Pindaro vemos

constantemente alliada a poesia com a philosophia, e falta esta nas de Antonio Diniz: em Pindaro ha muita poesia descriptiva, em Diniz quasi todas as suas odes têm grandes e mui variadas digressões; as que achamos em Antonio Diniz são todas historicas, e em historia foi elle na verdade um dos nossos poetas mais sabedores: em Pindaro ha muitas e excellentes comparações allegoricas, e prosopopéas², e muitas atrevidas e felicissimas metaphoras³, e eis aqui no que elle é imitado por Antonio Diniz: advertindo porém que a pluralidade das metaphoras, que tomou de emprestimo, foram tomadas não de Pindaro, mas sim de Chiabrera⁴, um dos melhores lyricos italianos: o que não obstante deve notar-se que, de todos esses magnificos adornos da lyrica poesia, alguns ha a que Diniz póde chamar propriamente seus, já por serem da sua propria invenção, e já porque tão feliz e artificiosamente os revestiu e trajou, que a todos parecem novos. O estylo é uma das, em Pindaro, mais avantajadas condições, nem de outro sabemos que mais o tenha sublime, e sustentado, nem de mais perfeita harmonia metrica; na primeira parte o imita Diniz, posto que com muitas e grandes desigualdades, e mal na segunda se lhe poderá comparar, por ser elle d'entre nossos bons modernos o mais fiouxo e descuidado metrificador, e cheio de muitos e rigorosos prosaismos⁵: dir-se-ha⁶, porém, e de justiça é que se diga, serem⁷ todos esses defeitos como pequenas manchas em mui soberbos quadros; pois quando a phantasia de Antonio Diniz é assaltada pela ferosa torrente do estro, que tantas vezes a inflammou, a sua expressão é não sómente pura, propria e energica, senão que é ardente e impetuosa, e arrebatada comsigo a alma de seus leitores: mas não era elle dotado de tão creadora imaginação como incendiada phantasia: sabia bem engrandecer os objectos que encarava; raro⁸ porém creava outros com que estes embellecesse; e eis aqui o porque as suas odes são, pela maior parte, batidas debaixo do mesmo cunho;

verdade é que a uniformidade dos assumptos devia, na expressão da sua grandeza, produzir alguma monotonia, mas nem tanta que o artificio de todas as odes fosse, como é em Diniz, fundado na comparação e parallelo de cada um dos nossos heroes com algum outro da mais famosa antiguidade. Por certo que os nobres feitos dos portuguezes na India tiveram bem mais grandeza e variedade do que os solemnes jogos da Grecia, e sobre elles soube Pindaro diversificar as suas tão estimadas odes. Finalmente confrontem-se as odes de Diniz com as de Pindaro, e com as de Chiabrera, e aqui e alli semeadas se lhes⁹ acharão as imitações do primeiro, quando aliás o segundo se achará quasi a cada pagina imitado: e ainda isso, quanto a mim com esta differença: Chiabrera tem mais philosophia e mais variedade, porém não mais alteza nos pensamentos, mais arrojamento nas figuras, nem mais riqueza e magestade na dicção: as suas odes heroicas são quasi todas vulcanicas, porém as suas explosões não são mais violentas, e os vãos de Diniz são quasi sempre mais sustentados. Talvez poderia dizer-se que as odes de Chiabrera são ardentes e brilhantissimos phosphoros, e as de Antonio Diniz fulgorosos e bem caudatos¹⁰ cometas; mas Pindaro é um astro de luz propria: e será Diniz um seu¹¹ grande imitador? Não, nem ainda o nosso Pindaro, porque temos outro maior do que elle, que é Francisco Manoel¹²: este sim, que é harmonioso, energico, sublime, rapido, arrojado, impetuoso, e mil vezes original; nenhum tem elle que lhe seja superior. Que importa o não fazer, como Diniz, a divisão (para nós chimerica) de suas odes por estrophes, antistrophes, e épodo? Além de que, por essa lhe faltar igualmente, negar-se-ha porventura que tenha Horacio¹³ algumas odes tão sublimes como as de Pindaro? Pois ainda mais tem Francisco Manoel.—E como appellaremos então Diniz? Como um grande poeta, que entre nós abriu em lyrica uma nova e magnifica estrada, pela qual se tem perdido quasi todos os seus seguido-

res; mas nem só foi elle excellente nas suas odes pindaricas, e alta prova é do seu muito engenho que, d'aquellas odes sublimes, em que anda quasi sempre topetando¹⁴ com os astros, descesse ás composições eroticas¹⁵, e por tal arte soubesse amoldar o estylo, e apropriar a expressão, que pela maior parte sejam as suas *Odes anacreonticas*¹⁶ uma das melhores coisas que nesse genero possuimos. Porém a natureza, que em nenhum sentido deixa illimitado o humano poder, não deu a Antonio Diniz tão amplas as faculdades do estro, que fosse capaz de escrever ao modo de Horacio: e proviria isto sómente de seu engenho? Não, eu cuido que tambem da sua lição foi procedido. Diniz era muito erudito legista, historiador e philologo, mas não philosopho, e isto lhe faltou para compôr boas odes horacianas. Inda bem, visto serem tão ruins, que poucas foram as que nesse genero nos deixou, já que é fado de auctores celebres que nas posthumas¹⁷ edições de suas obras se estampem quantas frioleiras em má hora compuzeram. Pouco valem as suas outras composições, á excepção de alguns poucos *Sonetos*, alguns *Idyllios*¹⁸ e quasi todos os *Dithyrambos*¹⁹, e, se estes são bons, é optimo o seu *Hyssope*, sendo esse não sómente o nosso melhor poema heroi-comico, porém de tantas bellezas enriquecido, que bem póde competir com os melhores das outras nações. Quanto ás suas *Metamorphoses*²⁰, para tudo lhes faltar, até lhes falta o metro, parecendo, pela maior parte, que antes são escriptas em prosa arrevezada, que em versos hendecasyllabos²¹.

Nuno Alvares Pereira Pato Moniz (na Arcadia *Olino*, seculo xviii).

¹ o maior poeta lyrico entre os gregos. Viveu cinco annos antes de Christo. ² figura de rhetorica pela qual o orador ou o poeta introduz ficticiamente a fallar pessoas, ou irracionaes, ou coisas inanimadas. ³ consiste a metaphora na translação de uma palavra da propria significação para outra por semelhança. ⁴ pronuncie *Kiabrera*. ⁵ defeito do que é vulgar, prosaico, sem encanto poetico sem elevação de sentimentos. ⁶ § 80, f. nota

1.^a, e § 192, b. 7 § 237, b. 8 § 186. 9 § 156, Obs. 10 que têm cauda. 11 § 149, Obs. 12 *Filinto Elisyo*, (Francisco Manuel do Nascimento). 13 poeta latino. 14 subindo até á maxima altura. 15 que se referem ao amor. 16 á imitação, ou no mesmo genero das de Anacreonte, poeta grego, que nasceu ao findar o V seculo antes de Christo. 17 posteriores á sua morte. 18 pequeno poema, cujo assumpto é ordinariamente pastoril, mas não dialogado como a ecloga. 19 poesia lyrica em estancias irregulares para exprimir o delirio do enthusiasmo ou da alegria. 20 transformação, mudança de uma figura para outra. São muito celebradas na litteratura as *Metamorphoses de Ovidio*. 21 que tem onze syllabas.

247 — A D. João de Castro (pag. 199 na 4.^a ed.)

(ODE PINDARICA)

ESTROPHE I

Quando o discurso humano
 Se põe da natureza
 A medir a fraqueza,
 Pasma, esmorece, e perde a confiança:
 Mas, se do Eterno o braço soberano
 Em seu desmaio a contemplar se avança,
 Vê de entorno brotar alta esperança,
 E, qual o Sião monte ¹,
 Seguro entre as procellas alça a frente.

ANTISTROPHE I

De feroz turba ingente
 Horrendamente armada,
 Thema infeliz ² cercada
 Via o grão Macchabeo, ³ e tambem via
 A pouca de Judá e inerme gente:
 Mas o forte varão, que em Deus confia, ¹¹
 Contra o Syrio feroz ousado a guia; ¹¹
 Fere a cruel batalha,
 E qual pó o desfaz que o vento espalha. ¹²

EPODO I

Subito de ruinas se cobriam ¹¹
 Os campos dilatados ;
 Cavallos, cavalleiros jarretados ⁴, ~~11~~
 De sangue em largo rio
 Morrendo, com furor se revolviam :
 E quaes no ardente estio
 Em torno caem de segador nervoso
 Aos centos as espigas,
 As hastas inimigas
 Ao lado caem do capitão glorioso. ~~12~~

ESTROPHE II

Em tanto triumphante
 Exultando a Judêa
 Das palmas de Idumêa,
 Quebrado o jugo, ao campeão tecia
 Diadema mais que os astros scintillante :
 Seu valor, sua fé, sua ousadia
 De cem harpas o som ao céu subia :
 Mas Judas, da victoria,
 Ao Senhor das batalhas dava a gloria.

ANTISTROPHE II

Oh de Israel ⁴ afflicto ⁷
 Firme columna e muro ! ⁷
 Se em meus hymnos procuro ⁷
 Mostrar como, brandindo a mortal lança, ¹²
 Á Syria já terror foste infinito, ¹¹
 É só pela formosa semelhança, ¹¹
 Que descobre entre ti hoje a lembrança, ¹¹
 E o triumphante Castro, ⁷
 De immensa luz em Lysia ⁵ immortal astro. ¹²

EPODO II

Roto em cem partes o famoso muro, //
 Que soberbo a cingia,
 Qual viuva miserrima se via //
 A majestosa Diu⁶ :
 Tincta de dó e envolta em manto escuro, //
 Cobrando novo brio
 Em seu estrago o Moiro, que a cercava,
 Com cem canhões e minas
 Lhe dobrava as ruinas
 E quasi o feroz collo lhe pisava. //

ESTROPHE III

Quando brandindo a lança,
 Em seu favor ligeiro,
 Corre o feroz guerreiro
 De poucas tropas na galharda frente :
 Já de seu seio sáe, e tal se avança
 Dos Moiros a ferir na hoste ingente,
 Qual, cercado, leão, na Lybia ardente⁷,
 Que sacudindo a juba,
 Por dardos rompe e o caçador derruba.

ANTISTROPHE III

No terrível conflicto 7
 Brandia o varão forte 7
 A cada passo a morte, 7
 Que quanto encontra despedaça e estraga. //
 E qual então lançou medonho grito //
 O Moiro que em seu sangue a terra alaga ! //
 Sem côr, o rosto pelo campo vaga, //
 E blasphemando morre 7
 Aos pés de Castro, que triumphante corre. //

EPODO III

Prosegue, lyra, e as azas veloz bate ¹²
 De Salsetta à campina ^{8, 7}
 Onde o braço feroz prostra e fulmina ¹¹
 O barbaro ardimento ⁷
 Em novo, sangninoso, e atroz combate. ¹²
 Quaes no salôbro argento ⁷
 Os mares uns sobre os outros se encapellam,
 Quando Euro ⁹ procelloso, ⁷
 Roncando cae furioso, ⁷
 Taes os Moiros fugindo se atropellam. ¹¹

ESTROPHE IV

 De immenso povo armada, ⁷
 Eis de Baroche ¹⁰ à praia ⁷
 Desce feroz Cambaya ¹¹; ⁷
 Sangue estillando ante ella pavoroso, ¹¹
 Por cem canhões de bronze, Marte ¹² brada, ¹²
 Mas brada em vão, que o capitão famoso ¹¹
 Os lenhos deixa, e o braço portentoso,
 Qual de Medusa a frente ¹³,
 Immoavel deixa a innumeravel gente.

ANTISTROPHE IV

 En. que de branca pluma, ⁷
 Novo cysne do Tejo, ⁷
 Cubrir todo me vejo, ⁷
 As azas bato, vôo ao firmamento, ¹²
 Sem temor de dar nome à salsa escuma, ¹¹
 Prendendo as azas do ligeiro vento, ¹¹
 Bem podia cantar em alto accento ¹¹
 Como o guerreiro invicto ⁷
 A cinzas reduzia Dabul afflicto ¹⁴. ¹²

EPODO IV

Como feroz Pondá ¹⁵ cruel combate : ¹¹
 Como de Antheu ¹⁶ na terra
 O genio ensaia para a dura guerra :
 Como troando ardente
 Por terra derrubou Patane e Pata ¹⁷ :
 Como no golpho ingente,
 Estragos semeando a forte espada,
 Enche o Hidalcão ¹⁸ de espanto...
 Porém se é longo o canto
 Nem sempre ao côro do Parnaso ¹⁹ agrada.

A. Diniz da Cruz e Silva, *Elpino Nonacriense* (1734-1799).

¹ *Sião*, monte em Jerusalem, sobre o qual mandou David edificar o seu palacio. ² *Thema* foi uma das principaes cidades da Iduméa, na Palestina, Thema ou Theman, neto de Esaú e de Ada, foi quem a edificou pondo lhe o seu nome. ³ *Judas Macchabeo* (o *ch* lê-se como *k*), supremo pontifice e capitão dos judeos, livrou estes povos da oppressão em que os faziam gemer os reis da Syria. Ganhou nove batalhas e restabeleceu o templo de Jerusalem, o qual tinha sido profanado por Antiocho (*ch* como *k*) Epiphanes rei da Syria. ⁴ mutilados. ⁵ Israel pela Judéa. ⁶ Lysia por Portugal. ⁷ *Diu*, ilha no golpho de Cambaia, sobre a costa de Guzarate. ⁸ Africa. ⁹ ilha do Oceano Indico. ¹⁰ *Euro*, vento do Oriente. É um dos quatro principaes. ¹¹ *Baroche*, cidade nos estados do grão Mogol. ¹² *Cambaya*, cidade do Industão, sobre o golpho do mesmo nome. ¹³ deus da guerra entre os pagãos. Toma-se aqui pela arte da guerra. ¹⁴ uma das furias ou Gorgones. Segundo as lendas mythologicas, tinham o poder de transformar em pedras os que para ellas olhavam. Os cabellos de Medusa foram metamorphosados em serpentes. ¹⁵ *Dabul*, sitio memoravel em Cambaya pela victoria de D. Francisco d'Almeida, que o reduziu a um montão de ruinas. ¹⁶ *Pondá*, fortaleza pouco distante de Goa. ¹⁷ gigante famoso, filho de Neptuno e da Terra. Foi morto por Hercules. ¹⁸ *Patane* e *Pate*, cidades da India. ¹⁹ no seculo XVI foi um dos principes mais temidos da India. ²⁰ monte da Phocida, consagrado ás Musas.

INDICE

Os trechos de poesia vão marcados com este signal *

	PAG.
Abreu (<i>Casimiro de</i>) — * Minha mãe.....	90
Almeida (<i>D. Fr. Christovão de</i>)—Excerptos da oração funebre nas exequias de D. Manoel.....	423
Alorna (<i>Marqueza d'</i>) — * Passarinho solto.....	14
* O leão e a raposa.....	23
Andrade (<i>Jacinto Freire de</i>) — Falla de D. João de Castro.....	348
Pratica de Coge Çoffar.....	368
D. Alvaro de Castro vae com reforço soccorrer Diu.....	377
Falla de D. João de Mascarenhas.....	404
D. João de Castro empenha as proprias barbas.....	414
Ultimos momentos de D. João de Castro.....	440
Extraordinario duello.....	461
Aveiro (<i>Fr. Pantaleão d'</i>) — Descrição da cidade de Bellem.....	387
Barros (<i>João de</i>) — Retrato de Affonso de Albuquerque.....	344
Bastos (<i>J. J. Rodrigues de</i>) — A maledicencia.....	100
Bernardes (<i>Padre Manoel</i>) — A sabedoria.....	323
A via lactea.....	324
Mansor.....	327
Amigos do meu.....	329
Quem quer vae, quem não quer manda.....	332
Brevidade nos despachos.....	336
A velhice.....	342
O lobo e o cordeiro.....	344
Pasquins.....	350
Androdo e o leão.....	355

	PAG.
Sacrificio abominavel.....	367
Sobre o episodio dos doze de Inglaterra.....	505
Bettencourt (<i>Emiliano Augusto de</i>) — Conquista de Ceuta	37
Bocage (<i>Manuel Maria Barbosa du</i>) — * A raposa e as uvas.....	16
* O verdadeiro sabio.....	30
* A cigarra e a formiga.....	63
* O leão caçando com o burro.....	180
* Soneto.....	328
* Soneto.....	370
Braga (<i>Guilherme</i>) — * O moinho.....	40
* Em familia.....	145
Brandão (<i>D. Frei Caetano</i>) — O Amazonas.....	147
Brotero (<i>Felix de Avellar</i>) — A bananeira.....	9
Bulhão Pato — * A avó e a neta.....	108
Camões (<i>Luiz de</i>) — * Canção.....	338
* Soneto.....	343
* Soneto.....	349
* Canção.....	361
* Elegia.....	374
* Uma tempestade.....	378
* A ilha dos amores.....	384
* Combate dos portuguezes com o gentio de Moçambique	406
* Outro episodio dos Lusíadas.....	409
* Episodio de Velloso.....	416
* Falla do velho na praia de Restello.....	436
* O gigante Adamastor.....	449
* Morte de Ignez de Castro.....	471
* Batalha de Aljubarrota.....	485
* Os doze de Inglaterra.....	505
Candido (<i>Antonio</i>) — Enterro de Christo.....	81
Cardeal Saraiva (<i>D. Frei Francisco de S. Luiz</i>) — O in- fante D. Henrique.....	296
Carta de agradecimento.....	390
Castello Branco (<i>Antonio d'Azevedo</i>) — * Egoismo infan- til.....	36
* Lição de physica.....	113
* A um castanheiro.....	121
Castello Branco (<i>Camillo</i>) — Supplicio da Marqueza de Tavora.....	64
Os preparativos do Alma-negra.....	70
Um primor de descripção.....	93
Ruy Ferreira.....	114
Um assalto.....	140
Morte de um lobo.....	162
padre Antonio Vieira.....	178

	PAG
Saudades.....	194
Naufragio da galera Deolinda.....	213
Os sermões do padre Antonio Vieira.....	286
Almeida Garrett.....	303
Castilho (<i>Antonio Feliciano</i> , visconde de) — Deus e as creaturas.....	7
Sciencia e virtude.....	13
* A volta da primavera.....	26
A raiz.....	35
Caule : troncos, estipes e colmos.....	41
As folhas.....	53
A flôr.....	61
* A infancia.....	75
Conselhos salutaes.....	88
Carta.....	124
Elogio da musica.....	189
* Eu, Antão Verissimo e a mosca.....	234
* Scena II do VI quadro do Fausto.....	256
Antonio Vieira e Manoel Bernardes.....	292
Morte de Martim Moniz.....	312
* A inveja.....	351
* Palacio e corte do sol.....	403
* Arião e o golphinho.....	421
* As Mineidas.....	431
* A serpente de Marte.....	442
* Acetes.....	457
* As abelhas.....	497
* Prognosticos do tempo.....	519
Castilho (<i>José Feliciano</i>) — O pavão.....	91
Castro (<i>Gabriel Pereira de</i>) — * Um monstro de fealdade.....	357
Cenaculo (<i>D. Pr. Manuel do</i>) — O estudo.....	503
Chagas (<i>Manoel Pinheiro</i>) — Vasco da Gama.....	67
Coelho (<i>Latino</i>) — A gruta de Camões em Macau.....	110
Corte-Real (<i>Jeronymo</i>) — * A morte de Leonor.....	465
Corvo (<i>João d'Andrade</i>) — O pico de Teneriffe.....	17
Santa Cruz de Teneriffe.....	24
Costa (<i>D. Antonio da</i>) — O filho prodigo.....	20
Crespo (<i>Gonçalves</i>) — * O rosario.....	244
Ericeira (<i>Conde da</i>) — Morte de Miguel de Vasconcellos.....	338
Faria (<i>D. Basilio de</i>) — A Cartuxa.....	353
Figueiredo (<i>Candido de</i>) — * Psalmos.....	52
Filinto Elysio (<i>Francisco Manuel do Nascimento</i>) — * O lobo e o cordeiro.....	203
* O bebedor e sua mulher.....	217
* O gato, a doninha e o laparo.....	249
* O moleiro, o filho e o burro.....	267

	PAG.
* Soneto.....	354
* Ode ao desterro do poeta.....	388
Matança dos hebreos em Lisboa.....	445
Freire (<i>Francisco José</i>) — O padre Antonio Vieira.....	332
Garção (<i>Padre Antonio Vieira</i>) — * Ode á vida rustica..	345
* Cantata de Dido.....	411
Garrett (<i>Almeida</i>) — * Barca bella.....	8
* A nau Cathrineta.....	43
Avó e neta.....	104
* Ave Maria.....	139
* As minhas azas brancas.....	149
* Adeus, mãe.....	176
Questão importante.....	203
O valle de Santarem.....	221
* O casquilho.....	227
* Cintra.....	240
Francisco de Sá de Miranda.....	269
* Monologo de Catão.....	286
* O cabo das tormentas.....	293
* Morte de Camões.....	316
* A morte de Catão.....	477
Gosmão (<i>Alexandre de</i>) — Carta de agradecimento..	390
Gouveia (<i>Ayres de</i>) — Dois trechos extrahidos dos <i>Ensaios do pulpito</i>	208
Guerra Junqueiro -- * Minha mãe.....	99
Herculano (<i>Alexandre</i>) — O sineiro.....	59
A armadura dos cavalleiros no seculo XII.....	73
Uma toirada no seculo XII.....	95
O jogo do tavolado.....	118
O Castello de Guimarães.....	136
Diogo de Couto.....	158
* A costureira e o pintasilgo morto.....	192
* O cão do Louvre.....	206
* A lamentação.....	224
Feito heroico de Nuno Gonçalves.....	252
* O mendigo.....	271
* Conquista da peninsula hispanica pelos arabes.....	281
* Deus.....	289
* O canto do Adail.....	300
Garcia de Rezende e Fernão Lopes.....	320
João de Deus — * Fabula.....	73
* Miseria.....	92
* Padre nosso.....	117
* A cabra, o carneiro e o cevado.....	219
Julio Diniz (<i>Joaquim Guilherme Gomes Coelho</i>) — * O bom reitor.....	79

	PAG.
O correio na aldeia.....	129
Leal (<i>J. da Silva Mendes</i>) — As guerras dos homens e as guerras das formigas.....	45
* O prazer da esmola.....	184
Leão (<i>Duarte Nunes de</i>) — Descrição do Tejo.....	376
Lobo (<i>D. Francisco Alexandre</i>) — Memoria academica ácerca das obras e vida de fr. Luiz de Souza.....	517
Lobo (<i>Francisco Rodrigues</i>) — * A primavera.....	334
Lucena (<i>Padre João de</i>) — O cravo da India.....	372
Batalha dos achenes contra os portuguezes.....	483
Luiz de Souza (<i>Frei</i>) — Exemplo de caridade.....	333
Dois pastores.....	363
Caridade de fr. Bartholomeu dos Martyres.....	370
O espirito tido na conta de agoiro.....	401
Visita de D. fr. Bartholomeu dos Martyres ás terras de Barroso.....	468
Discurso suasorio de fr. Bernardo da Cruz e do provincial fr. Luiz de Granada.....	490
Resposta do arcebispo.....	492
Macedo (<i>Padre José Agostinho</i>) — * Um templo indiano..	68
✓ * Quadro da natureza.....	330
Maldonado (<i>J. V. Pimentel</i>) — * O pardal no viveiro dos canarios.....	66
Malhão (<i>Francisco Raphael da Silveira</i>) — Fragmento do panegyrico proferido nas exequias do conde de Barbacena em 1854.....	181
Carta familiar.....	408
✓ Mascarenhas (<i>Braz Garcia de</i>) — * Amor da patria.....	526
Matheus (<i>conego Alves</i>) — Fragmentos do sermão prégado no centenario da fundação do Bom Jesus do Monte.....	246
Mello (<i>D. Francisco Manoel de</i>) — Um sitio ameno.....	383
Mendes (<i>conego Alves</i>) — A lua.....	237
✓ Miranda (<i>Francisco de Sá de</i>) — Carta a el-rei D. João III	365
Molarinho (<i>Antonio</i>) — * Maria Manoela.....	55
Motta (<i>Ignacio F. Silveira da</i>) — No Minho.....	77
Nascimento (<i>Francisco Manoel do</i>) — Veja Filinto Elysio	
Palha (<i>Francisco</i>) — * Ave Maria.....	94
Palmeirim (<i>L. A.</i>) — * A tempestade.....	102
Pato Moniz (<i>Nuno Alves Pereira</i>) — O poeta Antonio Diniz da Cruz e Silva.....	528
Pina (<i>Ruy de</i>) — Primeiros actos de el-rei D. Duarte....	349
Pinto (<i>Fernão Mendes</i>) — Naufragio na enseada de Nankin	462
Quental (<i>Anthero de</i>) — * A Dôr e a Alegria.....	13
* A casa do coração.....	35
* As fadas.....	132

	PAG.
Quental (<i>Padre Bartholomeu do</i>) — É o coração do homem como a menina de olho.....	328
Quita (<i>Domingos dos Reis</i>) — * Quadro d'uma scena da aldeia.....	325
Ramalho Ortigão — O mar.....	31
Rebello da Silva (<i>Luiz Augusto</i>) — Insurreição e tumulto dos monges do mosteiro de Belem.....	83
Conflicto do auctor do Hyssope e do bispo d'Elvas.....	150
+ Aspecto de Lisboa antes de sahir a armada de D. Sebastião.....	173
+ Batalha de Alcacer-Kibir.....	229
Morte de D. Henrique.....	241
+ Filippe II.....	264
+ El-rei D. Sebastião.....	275
Rezende (<i>Garcia de</i>) — Justiça que el-rei D. João II mandou fazer.....	360
Ribeiro (<i>João Pedro</i>) — Distincção entre judeus e moiros em Portugal.....	15
Ribeiro (<i>Thomaz</i>) — * Bençãos.....	60
* A choça de Mem Rodrigo.....	160
* A justiça de Castella.....	198
Santos (<i>Antonio Ribeiro dos</i>) — * A lingua portugueza.....	501
* Em louvor do infante D. Henrique.....	514
Seabra (<i>visconde de</i>) — * Fabula dos dois ratos.....	279
Semmedo (<i>Belchior Manuel Curvo</i>) — * As varas.....	85
* O corvo e a raposa.....	157
Silva (<i>Antonio Diniz da Cruz e</i>) — * O hyssope.....	392
* O deão na cerca dos Capuchos.....	424
* A D. João de Castro. Ode pindarica.....	532
S. Luiz — veja <i>Cardeal Saraiva</i> .	
Soares de Passos (<i>A. A.</i>) — * O filho morto.....	82
* O firmamento.....	307
Sori (<i>A. F. Maria de</i>) — Fernão de Magalhães.....	27
Tolentino d'Almeida (<i>Nicolau</i>) — * Um toucado.....	11
* Abandonando um cavallo lazarento.....	19
* O passeio.....	166
Torres (<i>José de</i>) — Terra de Fogo.....	12
Trigoso (<i>Sebastião Francisco Mendo</i>) — * Morte de Hypolito.....	388
Tulio (<i>A. da Silva</i>) — Detalhe, detalhar, detalhadamente	123
Padecer e soffrer.....	165
A locução <i>ter logar</i>	201
Desapercebido e despercebido.....	218
O verbo deparar.....	225
Vieira (<i>Padre Antonio</i>) — A historia.....	323
A arvore e o sermão.....	324

Poneto # 343



ventos
alento
pensamentos
tormentos

8 de

1500s Garcia de Abreu

~~Anto~~ Rodrigues

Anto Ribeiro da Santos

"Historia Topica Maritima"

Almocreve das Petas

(Sumas de Versos)

